

O império das circunstâncias

Passados dois meses sob a administração petista parece haver pouca dúvida que, no Brasil, os debates ideológicos têm doses cavalares de jogo de cena e que circunstâncias explicam quase tudo quando se trata de política econômica. Depois de oito anos de críticas doutrinárias raivosas, quem poderia esperar que o PT fosse governar desta maneira? Quem poderia esperar uma administração da área econômica ainda mais ortodoxa que a da era FHC?

Tenho muita dificuldade em acreditar em depoimentos do tipo “mudei de ideia”, principalmente vindo de profissionais da política. Os quadros do PT podem ser acusados de muitas coisas, mas jamais de amadorismo. Portanto, no capítulo “coerência ideológica”, como em qualquer outro partido, as circunstâncias comandam o discurso, os fins justificam os meios, valendo para o PT, portanto, todos os clichês dos partidos comuns.

Mais penoso tem sido o esforço daqueles que sustentam que estamos diante de uma “transição”, pois não há o mais tênue indício de movimento na direção de “um novo modelo econômico” ou qualquer coisa que possa merecer esta designação. Fará bem o governo se poupar os professores Maria da Conceição Tavares e Celso Furtado de indicar ao Ministro Palocci, como querem os radicais do PT, a direção por onde deve caminhar para encontrar o tal “modelo econômico alternativo”. Não existe tal coisa, sendo que o máximo que se pode chegar em modelos alternativos chama-se Tony Blair. Não é um mau modelo, mas de alternativo não tem rigorosamente nada.

Com efeito, por ora, na área econômica em especial, nada mudou. Os juro foram elevados com o beneplácito de todos os críticos deste tipo de política, dentro e fora do PT e do governo. As agendas de reformas econômicas, os projetos definidores da personalidade do governo - a reforma na Previdência, a tributária e a modificação e posterior regulamentação do artigo 192 para dar independência ao Banco Central, para citar alguns - são idênticas às do governo FHC.

É inacreditável a naturalidade com que o governo do PT adotou como seu o programa que combateu durante todos esses anos. O próprio leitor já deve estar cansado de observar este fenômeno, e também de ponderar que é melhor assim do que experimentar invencionices de gosto duvidoso, como as que frequentaram o programa do próprio PT em eleições passadas.

Tenha-se claro, ademais, que não há absolutamente nada de novo no “tudo pelo social”, marca registrada do governo Sarney, no qual foi concebido o programa do leite, matriz para dezenas de outros programas

assistenciais, inclusive o “Fome Zero”. Também não vamos tomar o Camarão Setorial do Desenvolvimento como uma iniciativa original, que forneça personalidade ao novo governo, pois também remonta ao governo Sarney e, na prática, trata-se de ornamento de utilidade ainda a ser verificada e testada.

O governo tem sido extremamente econômico no uso da expressão “herança maldita” e não é por razões de elegância. Cabe diferenciar dois tipos de circunstâncias alheias ao controle do novo governo: ações do governo anterior e o estado da economia internacional. Neste segundo terreno a situação é muito ruim, lamentavelmente, e o seria para qualquer governante que o Brasil tivesse.

FHC teve sorte em seu primeiro mandato, quando o estado de mercado internacional de capitais era de euforia. Tiramos proveito disso de muitas formas: (i) praticando uma política cambial que terminou com a hiperinflação (para pensar na cama: se por milagre a situação internacional hoje revertesse ao que era em 1994, o Ministro Palocci faria uma âncora cambial” ou preferiria combater a inflação à moda antiga, via juros?); (ii) privatizando mais de uma centena de empresas estatais sem solução, ou com programas de investimentos impossíveis de serem financiados pelo Estado; (iii) saneando o sistema bancário, (iv) abrindo a economia e com isso multiplicando o crescimento da produtividade e (v) trazendo para o Brasil mais investimento direto estrangeiro nos oito anos sob FHC do que em toda a nossa história anterior.

FHC não teve a mesma sorte no segundo mandato. Seu desempenho e sua popularidade foram bastante diferentes, a despeito dos progressos que alcançou. FHC não resolveu todos os problemas do Brasil e nem é verdade que tudo o que tocou deu certo. As circunstâncias externas se tornaram crescentemente adversas até atingirem, durante as eleições, o estágio de crise.

FHC não tinha um programa para tempos difíceis, tampouco Lula. Este, por sua vez, sabe que muitos problemas difíceis foram resolvidos por FHC. Não estaríamos tão longe da verdade em sugerir que o PSDB e o PT têm mais ou menos o mesmo gosto por bancos, por privatizações e por abertura. FHC fez o que tinha de ser feito, e no seu lugar, provavelmente, Lula faria muito parecido. Ou igual, como efetivamente vem fazendo. Circunstâncias, com efeito, explicam quase tudo.